



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10751 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 08 - Educação Superior

Políticas e processos de internacionalização da Educação Superior: contribuições para o desenvolvimento da interculturalidade na tríade ensino, pesquisa e extensão  
 Lourdes Evangelina Zilberberg Oviedo - Fundação Armando Alvares Penteado-FAAP  
 Malu Almeida - UNOESC - Universidade do Oeste de Santa Catarina

**POLÍTICAS E PROCESSOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA INTERCULTURALIDADE NA TRÍADE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO.**

Este trabalho apresenta os resultados parciais de um estudo de caráter qualitativo que tem por objetivo analisar as políticas e os processos de internacionalização do Centro Universitário Armando Alvares Penteado (FAAP), identificando as contribuições para o desenvolvimento da interculturalidade no desenvolvimento das competências relacionadas a esta habilidade (CI) na tríade ensino, pesquisa e extensão, entre os anos 2014 e 2021.

Além desse objetivo, pretendemos refletir sobre as ações de internacionalização desenvolvidas pela instituição entre 2014 e 2021; aprofundar a discussão sobre as políticas e os processos de internacionalização tendo como base a consolidação de um Centro Universitário privado e sua relação com os contextos nacional, regional e internacional; identificar ações que possam fortalecer, ainda mais, o desenvolvimento da interculturalidade e das CIs, trazendo como base de análise dos dados a Metodologia Histórico-crítica, baseada na Pedagogia Histórico-crítica, criada por Dermeval Saviani.

Desta forma, o aprofundamento da discussão sobre as políticas e os processos de internacionalização das IES brasileiras é realizado por meio do Estudo de Caso da FAAP, partindo da análise da instituição e de sua relação com o contexto histórico.

Esta pesquisa utiliza as seguintes técnicas de coleta de dados: uma pesquisa bibliográfica e documental, para estabelecer as relações sócio-históricas do fenômeno da

internacionalização da Educação Superior e da unidade de análise. Além disso, com o intuito de estabelecer a realidade concreta do objeto de estudo, em uma segunda instância, serão realizadas entrevistas semiestruturadas com alunos que participaram do processo de internacionalização, com professores e com gestores da instituição. Desta forma, a pesquisa qualitativa do tipo histórico-dialético parte da descrição, pois tenta captar não só a aparência como também a essência do fenômeno e procura também explicar a origem, bem como as relações e mudanças na vida humana (TRIVIÑOS, 1987, pp. 74, 129).

A fundamentação teórica da pesquisa é composta pela teoria da internacionalização da educação superior, tema que vem sendo amplamente debatido em congressos, seminários, simpósios e fóruns internacionais.

Para a maioria dos teóricos não há dúvidas de que o Campo da Educação aponta para uma presença cada vez mais destacada da internacionalização em todos os níveis: global, regional, nacional e institucional (MOROSINI; DALLA CORTE, 2021, p. 41).

A definição de internacionalização mais citada pela literatura é a de Jane Knight que a apresenta como "o processo de integrar as dimensões internacional, intercultural ou global no propósito, função e provisão da educação superior" (KNIGHT, 2004, p. 11).

Santos e Almeida Filho (2012) acrescentam que a internacionalização pode, inclusive, se transformar em uma espécie de quarta missão da Universidade quando de forma intencional e consciente os processos de internacionalização forem desenvolvidos para que os seguintes objetivos sejam atingidos: reforçar projetos conjuntos e integradores, dar maior dimensão às atividades de formação, de pesquisa e de inovação, conduzir uma agenda própria de diplomacia cultural universitária e contribuir para a consolidação de espaços integrados de conhecimento (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2012, p. 145).

Porém, esse estágio é muito difícil de ser alcançado pelas Instituições de Educação Superior que ainda enfrentam dificuldades para desenvolver a internacionalização. Esse é o caso da região da América Latina (AL) cujas políticas de internacionalização iniciaram-se no final dos anos 90 e no início dos anos 2000. Nesse período, começaram a surgir as primeiras experiências estruturadas de internacionalização, resultado da criação das assessorias para assuntos internacionais, o que propiciou a publicação de trabalhos e de artigos científicos que recolhem a visão regional sobre o tema, que, em geral, preconiza uma internacionalização mais inclusiva, democrática e abrangente (LIMA; CONTEL, 2011). Essa perspectiva foi reafirmada na Conferência Regional de Educação Superior (CRES) de 2018, em que se postulou o seguinte: "reconhecemos uma internacionalização humanista e solidária que contribua para uma maior e melhor compreensão e cooperação entre as culturas e as nações, a partir de uma colaboração interinstitucional baseada na solidariedade e no respeito mútuo" (CRES, 2018, p. 66).

Do ponto de vista prático, a internacionalização implica em uma série de atividades que podem ser agrupadas em dimensões, tais como: mudança organizacional, inovação do

*curriculum*, desenvolvimento do pessoal docente e a mobilidade de estudantes (RUDZKI, 1995). Knight a divide em internacionalização do *campus* (do conceito em inglês *Internationalization at Home- IaH*) e Educação Transnacional (*cross-border education*) (KNIGHT, 2012; MOROSINI; DALLA CORTE, 2021).

Portanto, na IaH, as IES buscam introduzir no currículo dos diversos programas temas internacionais, culturais ou globais, por meio do uso de idiomas estrangeiros, estudos regionais e programas de dupla titulação, entre outros. Além disso, ocupam-se do processo do ensino- aprendizagem, contando com a participação de alunos estrangeiros, de maneira que se possa promover a diversidade na sala de aula (KNIGHT, 2012).

A Educação Transnacional refere-se à mobilidade das pessoas, programas fornecedores, políticas, conhecimento, ideias, projetos, serviços etc., além das fronteiras dos Estados. Esta encontra-se associada à comercialização dos serviços educativos e à competitividade dos países que exportam esses serviços. Portanto, há uma dialética entre uma abordagem mais solidária da internacionalização, baseada na cooperação e que considera a Educação Superior como Bem Público e outra, mais mercantil, cuja base é o contingente de estudantes internacionais (5 milhões em 2019) que se movimentam de um país a outro em busca de serviços internacionalmente comercializados, constituindo uma importante fonte de renda para alguns países, especialmente para os membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) (PUNTENEY, 2019; DALLA CORTE; MOROSINI, 2021).

No Brasil, contexto em que se encontra a instituição, objeto deste estudo, segundo um relatório da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) as principais atividades de internacionalização desenvolvidas por IES locais são: a presença de professores visitantes no *campus*, projetos de cooperação internacional, artigos publicados em revistas científicas, programas de dupla titulação ou tutelados por instituições estrangeiras, estudantes de pós-graduação inscritos em disciplinas ministradas em outro idioma, estudantes com fluência em idioma estrangeiro e programas de doutorado sanduíche (CAPES, 2017, p. 17).

Por sua vez, a questão intercultural tem sido apontada como um dos motivos para a internacionalização, pois entende-se que a “pessoa intercultural”, tal como a descreveu Tewksbury em 1957, é capaz de promover o intercâmbio e o diálogo entre os povos, além de contribuir para a universalização do conhecimento, atendendo a um dos objetivos da Universidade desde suas origens na Idade Média (STALLIVIERI, 2004; TEICHLER, 2009).

A literatura apresenta uma grande variedade de termos para referir-se à interculturalidade. Entre os principais conceitos encontram-se: competência em comunicação intercultural, sensibilidade intercultural, competência comunicativa intercultural, competência global, liderança global, aprendizado global, cidadania cosmopolita, cidadania global, educação para a democracia, efetividade intercultural, competência intercultural e

interculturalidade, que é mais usada na região da AL (SCHMIDMEIER; TAKAHASHI, 2018; BENNETT, 2009; CLEMENTE; MOROSINI, 2019).

A pesquisadora Darla Deardorff fez um importante aporte à teoria ao apresentar a primeira definição consensual do que ela denomina CI, entendida como: "a capacidade de comunicar-se eficientemente e apropriadamente em situações interculturais com base no conhecimento, habilidades e atitudes desenvolvidas e aprendidas pelo indivíduo" (DEARDORFF, 2008, p. 33).

Por outro lado, o avanço do estudo do tema contribuiu para constatar a existência de uma relação recursiva entre internacionalização, CI e interculturalidade. Desta forma, a adoção por parte da IES, de políticas e de processos de internacionalização propicia o desenvolvimento da interculturalidade, entendida como a relação entre culturas, que por sua vez, favorece a aquisição das CIs. Por esse motivo, nesta pesquisa, buscamos contribuir com a teoria, por meio do desenvolvimento de um modelo local de aquisição de Interculturalidade e de CI, baseado na Pedagogia Histórico-crítica de Saviani que explica melhor essa correlação.

Além disso, cabe destacar que o posicionamento epistemológico adotado pelo pesquisador considera as CIs como um conjunto de saberes que vão para além da Pedagogia das Competências (fundamentada em uma visão reducionista e economicista do Campo Educativo). Nosso posicionamento epistemológico encontra fundamento no conceito de pessoa intercultural de Tewksbury e no Cosmopolitismo dos Gregos. Trata-se de um sujeito que, por meio do desenvolvimento da interculturalidade e das CIs, torna-se pleno em sua relação com o entorno e com o mundo, incorporando nele a interação com pessoas de outras culturas.

Esse indivíduo é muito mais do que um agente econômico que atua no mercado de trabalho para a maximização dos benefícios da empresa e que representa para seu país crescimento econômico e competitividade. Referimo-nos ao cidadão cosmopolita empoderado por esse conjunto de saberes transformadores, que lhe permitem atuar de forma eficiente em situações interculturais, contribuindo para a promoção do diálogo baseado no respeito, superando, dessa forma, as diferenças e propiciando o entendimento mútuo e a cooperação apesar das disparidades.

A unidade de análise desta pesquisa é a FAAP, instituição privada sem fins lucrativos, fundada em 1947 e localizada na cidade de São Paulo. Entre as principais descobertas, baseadas na análise bibliográfica e documental do livro institucional impresso em comemoração aos 60 anos da instituição e dos Relatórios de Atividades do Departamento de Internacionalização de 2014 a 2021, destaca-se o fato de que as políticas e processos de internacionalização nasceram logo na época de sua fundação, nos anos 50, por meio de contatos com escolas de arte francesas, pois a FAAP teve, desde suas origens, os olhares atentos ao que acontecia no resto do mundo (BRANDÃO, 2007). No entanto, a base estrutural dessas políticas surgiu no ano 2002, quando o antigo Departamento de Convênios passou a

denominar-se Assessoria para Assuntos Internacionais (hoje Internacionalização) (RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO DEPARTAMENTO DE INTERNACIONALIZAÇÃO FAAP, 2014). A responsabilidade inicial do novo escritório era a de reestruturar o processo e desenvolver os contatos com a AL e criar, junto aos países da região, um programa de mobilidade acadêmica e, num segundo momento, estabelecer acordos com o resto do mundo. Um marco importante nesse processo, foi a entrada da FAAP na rede *ISEP-International Student Exchange Program* com sede em Virgínia, EUA, com abrangência mundial, pois conta com mais de 300 instituições associadas em mais de 50 países. Dessa forma, ampliaram-se os programas oferecidos aos alunos brasileiros, pois além dos programas de intercâmbio nos países da AL, somaram-se mais de 50 opções de países e 380 instituições em diversas cidades do planeta, ou seja, a FAAP chegaria aos 5 continentes, por meio de 90 convênios (em 2021) (RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO DEPARTAMENTO DE INTERNACIONALIZAÇÃO FAAP, 2021).

Os resultados começaram a aparecer. No início havia só 20 alunos estrangeiros por ano, e, em um ano (2005), este número aumentou para 88, passando para 113 em 2006. Já em 2019, as matrículas de alunos estrangeiros chegaram a 274, entretanto, a instituição havia enviado 40 alunos ao exterior. Ao contrário do que acontece em outras IES brasileiras, a FAAP recebe mais alunos estrangeiros do que alunos brasileiros vão para o exterior (RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO DEPARTAMENTO DE INTERNACIONALIZAÇÃO FAAP, 2019).

O grande destaque das políticas e processos de internacionalização da FAAP é a IaH com foco na questão intercultural, entendida como um conjunto de iniciativas que criam situações de diálogo e de troca de significados entre pessoas de diversas culturas.

Nesse sentido, a Internacionalização desenvolveu diversas atividades de integração entre alunos brasileiros e estrangeiros. Alguns exemplos dessas políticas interculturais são: o projeto *global buddies*, o curso *Global Competence* (ministrado em inglês para brasileiros e estrangeiros), as atividades de cooperação virtual (*Collaborative Online International Learning- COIL*) com diversas instituições do exterior, o Passaporte Global (registro das atividades internacionais realizadas pelos alunos), a criação do Instituto Confúcio para Negócios FAAP (em 2012) e instalação do escritório do Education USA (em 2019) (RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO DEPARTAMENTO DE INTERNACIONALIZAÇÃO FAAP, 2021).

Esses resultados parciais da pesquisa bibliográfica e documental demonstram que os processos de internacionalização da FAAP encontram-se consolidados, pois ao longo de 20 anos, foram realizadas inúmeras atividades que relacionam a instituição com diversas IES e redes de cooperação ao redor do mundo.

Igualmente, observa-se que as políticas de internacionalização desenvolvidas entre 2014 e 2021 (período objeto do estudo), centraram-se, principalmente, no ensino e na

extensão, evidenciando que ainda há espaço para o desenvolvimento da cooperação internacional no campo da pesquisa. Este tema, certamente, será retomado durante as entrevistas a serem realizadas na etapa posterior do estudo.

No que diz respeito às políticas de IaH adotadas pela instituição objeto de estudo, fica evidente a crescente importância dada à questão intercultural, estimulada por meio da realização de cursos, testes de CI e de atividades de integração (presenciais e virtuais) entre pessoas de diversas culturas. Cabe destacar que não há um modelo local que explique como ocorre a aquisição de CI nos processos de internacionalização. Por esse motivo, propomos, com o auxílio da pedagogia histórico-crítica e por meio de exemplos e *cases* ocorridos no marco da internacionalização da instituição, desenvolver um modelo local de aquisição de interculturalidade e de CI.

Finalmente, é necessário salientar que este trabalho apresenta os resultados parciais de uma pesquisa em andamento e que, em uma segunda instância, serão realizadas entrevistas semiestruturadas com alunos que participaram do processo de internacionalização, bem como com professores e gestores, propiciando a coleta de mais informações sobre as políticas e processos de internacionalização da instituição, objeto de estudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Políticas de Internacionalização. Educação Superior. Interculturalidade.

## REFERÊNCIAS

BENNETT, J. On Becoming a Global Soul. *In*: SAVICKI, V. (Ed.). **Developing Intercultural Competence and Transformation**. Sterling: Stylus Publishing, 2008, p. 13-31.

BRANDÃO, I. L. **Fundação Armando Álvares Penteado**. São Paulo, 2007.

CAPES. **A internacionalização na Universidade Brasileira: resultados do questionário aplicado pela Capes**. Brasília: 2017.

CLEMENTE, F. A. S.; MOROSINI, M. C. Apontamentos sobre competências interculturais na educação superior: o que pensam os discentes de maior rendimento? **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 7, p. e021001, 2019. DOI: 10.20396/riesup.v7i0.8654622. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8654622>.

Acesso em: 2 abr. 2022.

CRES 2018. III Conferencia Regional de Educación Superior para América Latina y el Caribe. **Declaración**. Córdoba, Argentina, 14 de jun. de 2018. Disponível em: <http://www.cres2018.unc.edu.ar/uploads/Declaracion2018-Port-CRES.pdf> Acesso em: 20 jan. 2022.

DEARDORFF, D. K. Intercultural Competence. *In*: SAVICKI, V. (Ed.). **Developing**

**Intercultural Competence and Transformation.** Sterling: Stylus Publishing. 2008, p. 32-52.

DALLA CORTE, M.; MOROSINI, M. Internacionalização da Educação Superior. *In: MOROSINI, M. (Org.). Enciclopédia Brasileira de Educação Superior* v. 1. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2021, p 35-41. *E-book*.

DE OLIVEIRA SANTOS, R. E. Pedagogia histórico-crítica: que pedagogia é essa?. **Horizontes**, v. 36, n. 2, p. 45-56, 12 ago. 2018.

FAAP. **Relatório de Atividades do Departamento de Internacionalização.** São Paulo, 2014.

FAAP. **Relatório de Atividades do Departamento de Internacionalização,** São Paulo, 2019.

FAAP. **Relatório de Atividades do Departamento de Internacionalização.** São Paulo, 2021.

GASPARIN, J. L.; PETENUCCI, M. **Pedagogia Histórico- Crítica:** da teoria à prática no contexto escolar, p. 01-16, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2289-8.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2022.

KNIGHT, J. Internationalization remodeled: Definitions, rationales and approaches. **Journal of Studies in International Education**, Los Angeles California, v. 8, n. 1, p. 5-31, 2004.

KNIGHT, J. Concepts, Rationales and Interpretive Frameworks in the Internationalization of Higher Education. *In* DEARDORFF, D.K., DE WIT, H., HEYL, J. D. e ADAMS, T (Eds.). **The SAGE Handbook of International Higher Education.** Thousand Oaks: SAGE Publications Inc. 2012, p. 27-42.

LIMA, C. M.; CONTEL, F. B. **Internacionalização da Educação Superior:** Nações ativas, nações passivas e a geopolítica do conhecimento. São Paulo: Alameda Casa Editorial. 2011.

MOROSINI, M. Internacionalização da Educação Superior e integração acadêmica. Conferências UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 6.12.2017.

PUNTENEY, K. **The International Education Handbook:** Principles and Practices of the Field. Washington D.C.: NAFSA- Association of International Educators. 2019.

ROBLES, C.; BAHANDARI, R. **Higher Education and Student Mobility.** A Capacity Building Pilot Study in Brazil. Brasília: CAPES. 2017.

SANTOS, S. F.; ALMEIDA FILHO, N. **A quarta missão da Universidade:** internacionalização universitária na sociedade do conhecimento. Brasília: Editora UNB Universidade de Brasília; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

SCHMIDMEIER, J.; TAKAHASHI, A. R. Competência intercultural grupal: uma proposição de conceito. **Cadernos EBAPE.BR** v. 16, n. 01, p. 135-151, Jan. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395159430>.

STALLIVIERI, L. **Estratégias de Internacionalização das universidades.** Caxias do Sul: EDUCS. 2004.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 12 ed. Campinas: Associados Ltda, 2021. *E-book*.

SPITZBERG, B.; CHANGNON G. Conceptualizing Intercultural Competence. *In: DEARDORFF, D. K. (Ed.) The Sage handbook of intercultural competence*. California: Sage Publications Inc. 2009, p. 2-52.

STALLIVIERI, L. **Estratégias de Internacionalização das universidades**. Caxias do Sul: EDUCS. 2004.

TEICHLER, U. Internationalization of Higher Education: European Experiences. **Asia Pacific Education Review**, v. 1, n. 10, p. 93-106, 2009.

TEWKSBURY, D. G. **The American Student and the Non-Western World**. 1957.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.